



cadernos **IHU** idéias

**Rosa Egipciaca:
Uma Santa Africana no Brasil Colonial**

Luiz Mott

ano 3 - nº 38 - 2005 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Diretora adjunta

Hiliana Reis

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU Idéias

Ano 3 – Nº 38 – 2005

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Esp. Águeda Bichels – Unisinos

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Dárnis Corbellini – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. MS Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho técnico-científico

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Fernando Jacques Althoff – Unisinos – Doutor em Física e Química da Terra

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Hiliana Reis – Unisinos – Doutora em Comunicação

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – Unisinos – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Revisão

Mardiê Friedrich Fabre

Secretaria

Caren Joana Sbabo

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

www.unisinos.br/ihu

Cadernos IHU Idéias: Apresenta artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

ROSA EGIPCÍACA: UMA SANTA AFRICANA NO BRASIL COLONIAL

Luiz Mott

Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz é, certamente, a mulher negra africana do século XVIII de quem existem mais documentos detalhados sobre sua vida, sonhos, escritos e paixão, tanto na África como na diáspora afro-americana e no Brasil. Foi a primeira afro-brasileira a escrever um livro, do qual restaram algumas páginas manuscritas. Dos seus 46 anos de fantástica existência, viveu 20 no Rio de Janeiro, de 1725 a 1733, quando foi vendida para as Minas Gerais, onde permaneceu por 18 anos seguidos, retornando à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1751, ficando até 1763, quando foi enviada presa para os Cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa.

Foi considerada, na época, como “a maior santa do céu”, a quem brancos, mulatos e negros, inclusive toda a família de seu ex-senhor e respeitáveis sacerdotes, adoravam de joelhos, beijando-lhe os pés, venerando suas relíquias, intitulando-a “a flor do Rio de Janeiro”. Fundou o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, ocupado, predominantemente, por negras e mestiças, cuja capela, reformada, permanece até hoje, no Centro desta cidade, na rua da Assembléia. Melhor que ninguém, Rosa tipifica a riqueza e força do sincretismo religioso católico afro-brasileiro-carioca. Todos os detalhes de sua vida encontram-se em três processos conservados na Torre do Tombo em Lisboa, divulgados em meu livro *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*.¹

Rosa era uma negrinha nascida na Costa de Mina, de nação courana, também conhecida como Coura, que desembarcou de um navio negreiro no Rio de Janeiro, em 1725. Tinha, então, seis anos de idade. Pouquíssimas informações encontramos nos livros a respeito desta nação africana. Dentre as centenas de etnias negras trazidas para o Novo Mundo, nos três séculos de tráfico negreiro, os nativos desta nação aparecem referidos nos documentos luso-brasileiros com diferentes grafias: *courá*, *curá*, *curamo*, *curano*, *couxaina*, *courã*, *karam*, e pelos compostos *cou-*

1 MOTT, Luiz. *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993. 750 p.

rá-mina, courano da Costa da Mina, courá-baxé. Todos esses nomes provêm, com certeza, de três importantes acidentes geográficos situados entre a Fortaleza de Oudah (Judá ou Ajuda) e o Reino de Benin: o rio Curamo, a lagoa e a ilha do mesmo nome. Se nos debruçarmos sobre os poucos mapas antigos da África relativos a esta região, podemos descobrir, bem próximo à costa, ao sul do Porto de Judá e ao norte do Rio Benin, esses três pontos geográficos, assim como a pequena vila de Curamo, que, na *Descrição do Reino de Benin*, de 1748, diz-se que se situa a dez léguas do Rio Formoso, povoação que tinha todo seu espaço circundado por paliçada dupla, distante treze léguas da vila de Jabum.² Revela a mesma fonte que os couranos distinguiam-se dos vizinhos pela excelente qualidade e beleza dos tecidos que aí confeccionavam, sendo vendidos por altos preços na Costa do Ouro. Segundo ensina Pierre Verger (1987), os *courá*, inimigos do Rei do Daomé, habitavam as margens da lagoa de Curamo, nos arredores da atual cidade de Lagos. Provavelmente, foi numa das batalhas ou escaramuças entre essas etnias inimigas que nossa menininha *courá* foi pilhada, vendida com outros cativos e despachada no porto de Judá em direção ao Brasil.

Nada sabemos sobre a parentela de Rosa. Na sua confissão, no Tribunal da Inquisição de Lisboa, quatro décadas mais tarde, declarou “não saber quem são seus pais”. Em nenhum momento de sua biografia, esta negra courana fez qualquer menção à sua família africana nem a seu nome original. Somente quando adulta foi que construiu sua família espiritual, pois, não só se tornou comadre e madrinha, como também teve dezenas de “filhas” em seu Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, além de muitas outras dezenas de “filhos espirituais” e devotos no interior de Minas Gerais e na cidade do Rio de Janeiro. Rosa teve também diversos “pais espirituais”, seus confessores, com os quais manteve cordial e devota relação filial. Com o principal deles, foi mesmo infamada de ser sua amante carnal.

Quando desembarcou no porto do Rio de Janeiro, o comércio de escravos fazia-se nas imediações da Rua Direita, em pleno centro comercial desta cidade, sendo, somente no governo do Marquês de Lavradio, por volta de 1760, destinado o Valongo como mercado negreiro. Foi comprada por um tal senhor José de Souza Azevedo, o qual a mandou batizar na Igreja da Candelária, que, no “tempo do Onça”, não passava de uma pequenina igreja, sede da Freguesia da Várzea, humílima em comparação à grandiosidade do templo neoclássico que hoje conhecemos. Era certamente a igreja carioca, onde mais escravos se batizavam: entre 1725-1726, dos 444 batismos aí realizados, 62% eram escravos, permitindo-nos levantar a hipótese de que a

2 BOSMAN, William. *A New and Accurate Description of the Coast of Guinea: Divided into The Gold, The Slave, and The Ivory Coasts*, 1705. New York, 1967.

familiaridade com a patrona desta igreja talvez explique a gênese da associação entre Nossa Senhora das Candeias com o culto à Rainha do Mar, Iemanjá. Infelizmente, não conseguimos localizar, nestes livros de registros batismais, qualquer pista sobre a negrinha Rosa Courá.

Não é difícil reconstruir sua vida de menininha escrava urbana, residente na freguesia da Candelária nos inícios do século XVIII: realizando pequenos serviços domésticos compatíveis com sua pequenez, cuidando de crianças, carregando objetos, dando recados, ajudando na limpeza da casa ou na cozinha. Provavelmente, nesta primeira fase de adaptação à sua recente condição de escrava, com novo nome, aprendendo língua estranha e costumes completamente diferentes dos de sua tribo natal, esta pretinha de seis anos foi informada, por outros negros seus contemporâneos, de que era nativa da nação courana, procedente do Porto de Judá, identificação que guardou por toda a sua vida. Talvez possuísse algumas marcas tribais ou cicatrizes decorativas em seu rosto e barriga. Teria sofrido mutilação clitoriana, prática comum em muitas tribos da Costa da Mina?

Dizem os manuscritos da Torre do Tombo que o senhor de Rosa, “após desonestá-la e tratar torpemente com ela”, vendeu-a para as Minas Gerais: tinha 14 anos. Triste destino de tantas adolescentes da cor de ébano, presas fáceis da volúpia dos machos de todas as cores: segundo o viajante alemão Carl Schlichthorst (1943), em seu livro *O Rio de Janeiro como é*,

doze anos é a idade em flor das africanas. Nelas há, de quando em quando, um encanto tão grande, que a gente esquece a cor... As negrinhas são, geralmente, fornidas e sólidas, com feições denotando agradável amabilidade e todos os movimentos cheios de graça natural, pés e mãos plasticamente belos. Dos olhos irradia um fogo tão peculiar e o seio arfa em tão ansioso desejo, que é difícil resistir a tais seduções...

Foram, certamente, tais encantos primaveris e a impunidade dos abusos sexuais, que devem ter despertado a concupiscência do proprietário de Rosa, pois conforme contou ela própria “em companhia deste senhor estive até a idade de 14 anos, o qual a deflorou e tratou com ela torpemente”. Malgrado os anátemas do clero contra a mancebia e a simples fornicção dos senhores com suas escravas, o que aconteceu à nossa negrinha adolescente devia ser a regra para a maioria das cativas, neste período tão cruelmente marcado pelo machismo e mandonismo dos donos do poder. Como lembra, acertadamente, Gilberto Freyre, “não ha escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime”.³ Teria a adolescente Rosa ficado grávi-

3 FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1970. p. 341.

da, abortado ou parido? Não há qualquer informação em seu processo sobre sua vida reprodutiva.

Após oito anos no Rio de Janeiro, novamente Rosa sofre outra separação de seus conhecidos, a ruptura de uma rotina de sua vida de adolescente, a angústia e temor face ao desconhecido. Por mais fome que tenha passado desde que atingira a idade da razão, por mais pancadas, beliscões, palmatoadas ou mesmo chicotadas que tenha recebido na casa de seu senhor, certamente esta menina-moça africana criara laços afetivos e de amizade com outros escravos, talvez com gente de sua mesma nação, de modo que, provavelmente, tenha derramado muitas lágrimas ao se despedir do pequeno grupo de seus entes queridos.

A viagem para as Minas – por volta de 500 quilômetros percorridos a pé, foi a segunda grande caminhada forçada na vida desta garota: a primeira, há uns nove anos passados, de sua aldeia tribal até o Porto de Judá; agora esta outra, atravessando densas e úmidas florestas, ferindo seus pés descalços, subindo a serra da Mantiqueira em direção às Minas Gerais. Este trajeto deve ter levado pelo menos de 10 a 12 dias de viagem, seguindo o mesmo itinerário referido por Antonil no seu *Roteiro do Caminho Novo para as Minas* (1711): “marchando à paulista, isto é, andando bem desde a madrugada até as 3 horas da tarde, quando se arranchavam para terem tempo de descansar e buscar alguma caça, peixe, mel, palmito ou outro qualquer mantimento”.

No ano em que Rosa chegou a Minas Gerais, 1733, esta capitania estava no seu apogeu, absorvendo, cada vez mais e mais, mão-de-obra escrava: de 1715 a 1727 saem do Rio de Janeiro mais de 26 mil cativos em direção às Minas, uma média de 2300 negros todos os anos. Ao chegar a esta região, existiam, na capitania, por volta de 96 mil cativos, dos quais, somente em Mariana, sede da comarca, residiam mais de 26 mil. Os brancos representavam tão somente um quarto da população mineira.⁴

Na Capitania das Minas, Rosa foi comprada por Dona Ana Garcês de Moraes, mãe de um de nossos mais destacados literatos do período colonial, Frei José de Santa Rita Durão, indo morar na freguesia do Inficcionado, a duas léguas de Mariana.

O Inficcionado, na verdade, não passava de um humilde arraial de mineiros, encravado num vale cercado por altas montanhas, um arraial que nunca abrigou sequer uma centena de residências. No alto de um morrote, logo à entrada do arraial, para quem vinha de Catas Altas, estava a Fazenda Cata Preta, de propriedade do sargento-mor de milícias urbanas, Paulo Rodrigues Durão, pai do futuro agostiniano e escritor Santa Rita Durão. Aí viveu Rosa dos 14 aos 32 anos, entre 1733-1751. Tivemos opor-

4 GOULART, Mauricio. *A Escravidão Africana no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975

tunidade de visitar as ruínas do sobrado desta fazenda, quando de nossa pesquisa de campo na região.

Como tantas escravas de norte a sul da Colônia, a negra courana viveu de vender seu corpo e favores sexuais aos concupiscentes mineiros, que, com ouro em pó, compravam mercadorias e prazer das poucas mulheres que percorriam as faisqueiras. Era a única escrava negra num plantel de 77 escravos machos! Segundo mais tarde confessou, perante o Comissário do Santo Ofício do Rio de Janeiro, passou 15 anos “a se desonestar vivendo como meretriz, tratando com qualquer homem secular que a procurava, em cuja vida assim andou até o tempo que teve o Espirito Maligno”. Este comércio venéreo deu à escrava africana um traquejo social e um verniz civilizatório que muito vai auxiliá-la em seu futuro grandioso. Não é difícil imaginar todos os constrangimentos, violências e doenças que esta jovem africana deve ter sofrido, na condição de prostituta escrava-negra, numa região abarrotada de aventureiros e carente de filhas de Eva. Estes 15 anos de meretrício, dos 14 aos 29 anos, foram fundamentais na constituição da personalidade e desenvoltura social desta negra que, na qualidade de mercadoria sexual, deve ter privado do relacionamento com centenas de homens de diferentes raças e classes sociais: escravos, negros forros, mestiços, brancos aventureiros, quiçá portugueses favorecidos pela sorte do vil metal. *Auri sacra fames!* Relacionamentos sempre marcados pela dominação machista, deboche, malandragem, comportando certamente elevado, consumo de aguardente e altas doses de almíscar, o perfume preferido pelas negras no “tempo do Onça”. Muita dança, batuque, fandango: até o fim da vida, mesmo vestida de freira no Recolhimento, Rosa não resistira à tentação de dançar. Nas Minas, na época do Barroco, a dança fazia parte integrante do culto divino, seja nas igrejas doiradas, nas procissões ou “triumfos”, seja nas clandestinas casas de culto de matriz africana. Segundo o historiador J.F. Carrato, o batuque era a coqueluche da época, e Tomás Antônio Gonzaga immortalizou, em suas *Cartas Chilenas*, os gingados e bamboleios dos parceiros neste baile descarado:

*Fingindo a moça que levanta a saia
E voando nas pontas dos dedinhos,
Prega no machacaz, de quem mais gosta,
A lasciva embigada, abrindo os braços;
Então o machacaz, mexendo a bunda,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ora dando alguns estalos com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz – eu pago, eu pago – e de repente,
Sobre a torpe michela atira o salto.
Ó dança venturosa! Tu entravas
Nas humildes choupanas, onde as negras,*

*Aonde as vis mulatas, apertando
 Por baixo do bandulho a larga cinta
 Te honravam, c'os marotos e brejeiros,
 Batendo sobre o chão o pe descalço.*⁵

Ao completar 30 anos, a cativa courana foi atacada de estranha enfermidade: ficava com o rosto inchado, sentia tumor no estômago, caindo ao chão desacordada. Rosa decidiu, então, deixar de ser “mulher da vida”. Por volta de 1748, vendeu seus poucos bens – jóias e roupas amalhadas com a venda de seu corpo, distribuindo tudo aos pobres. Adotou vida beata, frequentando os ofícios divinos e liturgias, que, abundantes, eram celebrados nas barrocas igrejas mineiras, muitas delas acabadas de construir nessa mesma década. Foi numa dessas andanças pias que encontrou, na Capela de Bento Gonçalves, vizinha ao arraial do Inficionado, o Padre Francisco Gonçalves Lopes, realizando fantásticos exorcismos em alguns energúmenos. Este sacerdote português, nascido no Minho, em 1694, era, então, vigário da freguesia de São Caetano, no mesmo distrito, e tão eficaz e useiro era em tirar o demônio do corpo de brancos e pretos, que tinha por apelido *Xota-Diabos*.

Impressionada com a cerimônia do exorcismo, Rosa revelou ela própria também estar possuída por sete demônios: segundo palavras do exorcista, “caiu no chão fazendo diferentes visagens e muitos trejeitos com o corpo, levantando-se e dizendo que era Lúcifer que a vexava e lhe causava grandes inchações que tinha na cara e ventre”. Uma testemunha destes exorcismos revelou que Rosa “fazia gestos e movimentos que parecia o Demônio!” A própria energúmena descreveu assim seu transe: “viu e sentiu que do ar lhe deitaram um caldeirão de água fervendo, com o que caiu logo desacordada, e, quando se restituiu, se achou lançando sangue da cabeça, que estava rachada e metida os pés de São Benedito”. Não deixa de ser emblemática a coincidência de seu primeiro transe religioso ter acontecido exatamente ao pé de um santo negro, ex-escravo e depois irmão leigo franciscano da Sicília. Um segundo exorcismo, realizado nessa mesma freguesia, confirma ao sacerdote que, de fato, a escrava do casal Durão era uma possessa especial, pois quando vexada, fazia sermões edificantes, sempre preocupada que todos mantivessem perfeita compostura nos templos, retirando à força para a rua a quantos conversassem ou desrespeitassem a presença do Santíssimo Sacramento. Quando possuída por satanás, falava grosso, caía desacordada e dizia ter visões celestiais, vendo por diversas vezes Nossa Senhora da Conceição, ouvindo diversos coros de anjos que lhe ensinaram algumas orações, recebendo até a revelação

5 GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas* (1786). Rio de Janeiro: MEC, INL, 1958, apud CARRATO, José Ferreira. *Igreja, Iluminismo e escolas mineiras coloniais*. São Paulo: Nacional, 1968.

de uma fonte de água milagrosa ao pé de uma montanha, onde devia ser construída uma igreja em honra de Senhora Santana. O culto aos avós de Cristo substitui, certamente, no imaginário místico de Rosa, a perda e desconhecimento de seus próprios ancestrais, culto muito forte na maior parte das tribos da Costa da África. O século XVIII representa igualmente o auge da devoção a Sant'Ana na América Portuguesa, utilizada como reforço da dominação dos mais velhos às novas gerações.

Após os exorcismos, Rosa dizia ser arrebatada por um misterioso vento:

quando saía de casa para ir à igreja, logo na rua sentia um vento tão forte que lhe impedia os passos e com grande violência a fazia retroceder para trás e se bater com o corpo em uma cruz, sendo em dias que não havia vento e só por virtude dos preceitos que punha o exorcista é que podia resistir ao dito vento e entrar na igreja.

A partir de então, os exorcismos passaram a fazer parte essencial do dia-a-dia desta beata africana, e dado o caráter público destes rituais e dos locais onde o diabo a atacava, Rosa passou a ser vista e considerada como uma “vexada pelo demônio”: de mulher pública tornou-se “espiritada”, sendo outra agora a assistência de curiosos que passam a circundá-la. Ainda hoje existe, no Inficcionado, uma grande cruz, quase defronte da Igreja de Nossa Senhora do Rosário: teria sido neste cruzeiro que Rosa sentia os tais acidentes e ventanias? O vento, muito antes de filósofos pré-socráticos elegerem-no como um dos elementos constitutivos da vida, foi apontado por outros povos como a própria manifestação da divindade ou um de seus atributos. Na tradição bíblica, o vento, o ar, o hálito, são identificadores da força de Javé. O próprio Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, em grego é chamado de *Pneuma*, isto é, ar, a mesma raiz da palavra moderna pneumático, câmara de ar. E, mais recentemente, nos meados do século XIX, a aparição de Nossa Senhora de Lourdes à Santa Bernadette ocorreu em seguida a “um pé de vento”. Entre nossos escravos trazidos da Costa da Mina, de onde provinha Rosa Egípcíaca, alguns importantes orixás, sobretudo a poderosa Iansã, são identificados com ventos, ou melhor, o vento é a materialização da manifestação destes espíritos. Encontramos mesmo outras africanas contemporâneas de Rosa que nas Minas Gerais já haviam sido denunciadas às autoridades eclesiásticas exatamente por cultuarem tal elemento etéreo: “Maria Canga, inventava uma dança de batuque, no meio da qual entrava a sair-lhe da cabeça uma coisa que se chama vento e entrava a adivinhar o que queria”.⁶

6 FIGUEIREDO, Luciano R. A. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Brasília/Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

A fama de visionária de Rosa espalhou-se por Mariana, Ouro Preto, São João Del Rei, sempre acompanhada do padre Xota-Diabos e de seus exorcismos. Nesta última cidade, na Igreja do Pilar – o mesmo templo onde Tancredo Neves era irmão da Ordem Terceira – certa vez Rosa Courana interrompeu a pregação de um missionário capuchinho, gritando que ela era o próprio satanás ali presente: foi presa e enviada para a sede do Bispado de Mariana, sendo flagelada no pelourinho com tal rigor que, por pouco, não morreu, ficando, contudo, para o resto da vida, com o lado direito do corpo semiparalisado. No aljube, recebeu visita do próprio Santo Antônio! Recuperada da tortura, procurou o recém-empossado bispo da Diocese, D. Frei Manoel da Cruz, que encarregou uma junta de teólogos para investigar se a incorrigível energúmena era mesmo possessa ou embusteira. Após uma série de provas – inclusive testando a resistência da pobre vexada à chama de uma vela, que por 5 minutos suportou acesa debaixo da língua! – concluíram os teólogos que tudo não passava de fingimento, passando, então, o povo a chamá-la de feiticeira.

Para evitar novos problemas, Rosa fugiu para o Rio de Janeiro, sempre auxiliada e protegida pelo seu inseparável padre Xota-Diabos, que a comprou de sua dona, tornando-se seu proprietário legal e que, nesta época, passava dos 50 anos. O retorno à cidade de sua segunda infância se dá em condições bem melhores de quando subiu a serra num magote de cativos: em vez de, simplesmente, Rosa, agora se apresentava, após uma visão celestial, com o nome de uma verdadeira religiosa: Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz. Montada num cavalo, dormindo em estalagens, intercalava visões celestiais com tentações carnavais, tendo o Xota-Diabos como o eleito de seu coração, relação íntima insinuada e comentada pelos seus próprios contemporâneos, embora nunca comprovada e jamais assumida pelos dois.

Chegaram à heróica e leal cidade do Rio de Janeiro, em abril de 1751. Depois de Salvador, capital da América Portuguesa, que, na época, contava com 7 mil fogos e pouco mais de 40 mil habitantes, o Rio de Janeiro era nossa segunda cidade em importância demográfica e econômica: entre 1750-1760, possuía de 24 a 30 mil moradores, com 7723 fogos. Cidade barroca com vivíssimo décor religioso: 23 igrejas distribuídas em quatro paróquias: São José, Catedral (São Sebastião no morro do Castelo), Santa Rita e Candelária; 70 oratórios, 26 confrarias, 380 frades, mais de uma centena de padres seculares.⁷ Nessa mesma década, foi iniciada ou concluída a construção de diversas igrejas neste bispado, sendo eleita Senhora Santana a padroeira principal do Rio de Janeiro.

7 COARACY, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965; LUIZ EDMUNDO. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932.

Rosa instalou-se, inicialmente, numa casa em frente à Igreja de Santa Rita (na atual Rua Visconde de Inhaúma), tendo sua primeira visão na Igreja de Nossa Senhora da Lapa, aparecendo-lhe o Menino Jesus vestido de azul celeste, tendo na cabeça uma tiara pontifícia, “caindo no chão sem sentidos e como morta”. Por sugestão de uma beata das muitas que freqüentavam assiduamente os templos cariocas, Rosa revelou sua vida atribulada e dons espirituais ao Provincial dos Franciscanos, Frei Agostinho de São José, que passou a ser seu diretor espiritual. Este frade ficou na história carioca por ter sido o responsável pela edificação do segundo andar do convento de Santo Antônio, ainda hoje dominando altaneiro o alto do morro do Largo da Carioca. A vida mística de Rosa impressionou vivamente os franciscanos, que a viram cumprir todos os exercícios pios muito em voga nos séculos passados: jejuns prolongados, autoflagelação, uso de silício, novenas intermitentes, comunhão freqüente. Deram à preta Rosa o maravilhoso título de Flor do Rio de Janeiro.

Nesta época, convém esclarecer, malgrado a discriminação legal e institucional contra a raça negra, sujeita à escravidão e aos mais cruéis tormentos, procurava a Igreja Católica oferecer modelos de santidade para este enorme contingente demográfico representado pelos africanos e afro-descendentes que pululavam por toda a colônia. Foi nestes meados do século XVIII que o papado estimulou, por todas as partes do mundo escravista, o culto a São Benedito, Santo Elesbão, Santa Efigênia, Santo Antônio de Noto (ou Catigeró), todos negros como Rosa, todos exemplos de humildade, resignação e santidade.⁸ O monarca da época, D. João V, ele próprio, com lágrimas nos olhos, escrevia ao clero da América Portuguesa, insistindo que não deixassem os cativos morrerem sem o batismo, quando transportados nos tumbeiros da África para o Brasil, e cuidassem da rápida evangelização destes pobres descendentes do Prestes João, o patriarca evangelizador da Etiópia.

A beata Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, portanto, ex-prostituta como sua patrona Santa Maria Egipcíaca, vinha a calhar neste *aggiornamento* da Igreja colonial e poderia ser – certamente assim o desejavam os franciscanos – uma futura santa. E ter uma santa em casa, ensinava a tradição, redundava em romarias, polpudas doações para o convento, a garantia, portanto, de manutenção das velas dos altares e demais gastos dos atos litúrgicos e do próprio convento.

Tão logo chegara ao Rio, através de uma visão celestial, Nossa Senhora obrigou a negra courana a aprender a ler e escrever, tarefa que cumpriu razoavelmente, sendo até agora a pri-

8 OLIVEIRA, Anderson José Machado. *Os Santos Pretos Carmelitas: Culto dos Santos, Catequese e Devoção Negra no Brasil Colônia*. UFF, 2002. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, 2002.

meira africana de que se tem notícia em nossa história a ter aprendido os segredos do abecedário. Também por inspiração sobrenatural, Rosa Egipcíaca decidiu fundar um Recolhimento para “mulheres do mundo” que pretendiam como ela trocar o amor dos homens pelo do Divino Esposo. Ajudada por polpuda doação de um sacerdote de Minas Gerais, seu devoto e admirador de suas excelsas virtudes, contando com o beneplácito do bispo do Rio de Janeiro, D. Antônio do Desterro, em 1754, foi lançada a primeira pedra do Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, aproveitando a existência de pequena capela, localizada não muito distante do Largo da Carioca, onde hoje se situa a Rua da Assembléia. Construído o Recolhimento, chegou a abrigar uma vintena de moças-donzelas e ex-mulheres da vida, sendo metade delas negras ou mulatas. Viviam de doações dos fiéis e dos parentes das recolhidas, seguindo a rotina comum a tais instituições leigas com religiosas sem votos perpétuos, incluindo a recitação coletiva do Ofício de Nossa Senhora e outras liturgias e sacramentais, além do trabalho de manutenção da casa pia e demais exercícios comunitários. Entre as recolhidas, estavam três filhas de um ex-senhor de Rosa de São João del Rei, compadre do Xota-Diabos.

Madre Rosa – como então passou a ser chamada por dezenas de seus devotos – sofisticou suas visões, passando a escrevê-las ou ditando para que suas escribas anotassem tudo o que via e ouvia, revelado seja pelos santos, seja por Maria Santíssima, seja pela própria boca de Deus. Sempre aplaudida e venerada pelo Padre Francisco Gonçalves Lopes, pelo seu frade confessor e por um capuchinho italiano, a negra courana escreveu mais de 250 folhas do livro *Sagrada Teologia do Amor de Deus Luz Brilhante das Almas Peregrinas*, no qual diz que o Menino Jesus vinha todo dia mamar em seu peito e, agradecido, penteava sua carapinha; que Nosso Senhor trocara seu coração com o dela; que, no seu peito, trazia Jesus Sacramentado; que morrera e tinha ressuscitado; que Nossa Senhora era Mãe de Misericórdia; que ela, Rosa, recebera de Deus o título e encargo de ser Mãe de Justiça, dependendo de seu arbítrio o futuro de todas as almas, se iam para o céu ou para o inferno; que ela própria era a esposa da Santíssima Trindade, a nova Redentora do mundo.

Em seu misticismo, como católica fervorosa assistida por diversos diretores espirituais, Rosa incorporou em sua espiritualidade o que de mais moderno existia em termos de devoção na época, tal qual era praticado por outras santas em Roma, Lisboa e demais metrópoles da cristandade: a ex-escrava, agora Madre do Recolhimento do Parto, foi a principal vidente e divulgadora em terras brasileiras do culto aos Sagrados Corações, iniciado nos meados do século XVII pela visitacionista francesa Santa Margarida Marie Alacoque. Só que nossa beata courana foi além: propagou não apenas a devoção oficial aos sagrados co-

rações de Jesus e Maria, mas de toda a família do Nazareno, a saber, os corações de São José e dos avós de Cristo, São Joaquim e Santana. Foi graças às visões de Rosa, e para representá-las visualmente, que os franciscanos construíram, no Convento do Largo da Carioca, a maravilhosa Capela dos Sagrados Corações, até hoje perfeitamente conservada e aberta à visitação pública, muito embora sem se dar os créditos à sua verdadeira inspiradora: “Santa” Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz!

Em seu recolhimento, instalou-se verdadeiro culto idolátrico à sua pessoa, com os devotos venerando-a de joelhos, disputando suas relíquias, guardando seus escritos como se fossem revelações divinas. Algumas liturgias pecavam pela heterodoxia, notando-se elementos de forte inspiração africana. Não esquecer que mais da metade das recolhidas, entre estas, as quatro principais assessoras de Rosa, eram afro-descendentes. Além do “vício” de pitar cachimbo, Rosa comandava certas cerimônias em que era nítido o sincretismo afro-católico:

Numa ocasião, conta a recolhida Irmã Ana do Coração de Jesus, negra crioula, natural de Ouro Preto, que, na noite da festa da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, que era o dia das sortes da congregação, estando a comunidade rezando a novena no coro, caiu Rosa de joelhos, e cantando o Ave Maris Stella (Ave Estrela do Mar), começou a dançar em frente do altar, fazendo muitas visagens, até cair desmaiada no chão. Levantou-se e, então, de um balainho pequenino, tirou quatro papelinhos trazidos à maneira de sorte nos quais estavam escritos São Mateus, São Lucas, São Marcos e São João, e deu cada um a quatro irmãs, (três negras e uma branca), dizendo que elas eram suas evangelistas...

Em que medida tal imposição de novos nomes poderia evocar rituais congêneres, praticados nos cultos afro-brasileiros, quando as yaôs saem da camarinha e têm revelados seus nomes de santo, passando, a partir de então, a serem identificadas e incorporar diferentes orixás?

A descrição destouta cerimônia faz-nos lembrar de uma seção de gira num terreiro de umbanda ou candomblé:

Na capela do Parto, Rosa tirava às vezes algumas imagens do altar, dizendo que [ela] era Deus, e metia as imagens na mão de algumas irmãs e ia dançando até ao pé delas, e lá as deixava e ia buscar outra, e entrava a apertar a dança, arrodando-as, e caía no colo de alguma irmã e ficava como [estivesse] a fora de si, e depois de muito tempo, se tornava a si e começava a perguntar aquilo o que era, quem a tinha trazido para ali, e isto era quase sempre, e se não criamos, levantando-se da sua passividade, roncando, se agarrava pela goela e entrava a bater pelo chão, dando murros...

Noutras oportunidades, a negra courana parecia estar possuída de algum erê, tanto que certa manhã, “entrou Rosa no

coro com uma vara de marmelo dando na cabeça das recolhidas, dizendo: ABC com o que, mataste o meu lapê, com uma vara de dimpê... Explicando que lapê era Nosso Senhor e a vara de dimpê era a contradição que as recolhidas tinham”. Infelizmente, nenhum lingüista conseguiu até agora dar-nos a pista destas expressões idiomáticas utilizadas pela “Abelha Mestra” do Recolhimento do Parto. O ritual lembra um erê, quando usa varinhas para, de brincadeira, açoitar as pernas dos frequentadores dos terreiros de candomblé.

Outro aspecto da religiosidade de Rosa Egipcíaca, revelador do sincretismo afro-católico, remete-nos ao próprio espírito que passou a acompanhá-la desde que se converteu: uma entidade que, por mais de quinze anos, vexou-a, primeiro identificado como Lúcifer, mas depois referido como *Afecto*. Curioso que, em vez de comportar-se como o Príncipe do Mal, este espírito induzia-a para o bem, para zelar e defender a honra de Deus. Tal espírito faz-nos pensar em Avreku – cuja semelhança fonética com *Afecto* é evidente, um anjo ou mensageiro de luz da cultura Gêge da Nigéria, vizinha próxima da região natal de Rosa Coura. O Avreku é um misto de mensageiro do além e espírito protetor, através do qual seu portador profetizava o futuro – exatamente como se comportava nossa biografada.

No recolhimento do Parto, as freirinhas entravam em transe quase diariamente, às vezes, diversas vezes por dia. Quando o Espírito baixava na comunidade, “sempre ficava ao menos uma ou duas espiritadas sem estar atacadas”, da mesma forma como ocorre nas casas de culto de matriz africana, onde se institucionalizou costume semelhante pela figura da *ekédi*, mulher auxiliar das filhas de santo em transe, amparando-as em seus “ataques”, enxugando-lhes o suor, etc. As *ekedis* não entram em transe, e nos xangôs de Recife são chamadas de *iabás* ou *ilais*, e nos candomblés de Angola, “macotas”.

Prevalencia, contudo, na espiritualidade desta negra mina, a inspiração, o imaginário e a linguagem próprios do catolicismo romano. Eis uma bela página manuscrita por Mestra Rosa, data-da de 24 de novembro de 1760, em que se revela fiel discípula da espiritualidade de São Francisco de Assis:

Meu Menino Jesus da Porciúncula: amo Jesus, adoro Jesus, bendigo Jesus, reverencio Jesus, agradeço a Jesus, exalto Jesus, santifico o nome Santíssimo de Jesus por agora e sempre e no último suspiro glorifico a Jesus no Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Peço ao céu e à terra, peço às flores do campo, e peço às estrelas do céu, peço ao sol nos seus raios, peço à lua na sua luz, peço às aves do céu: cantai! Peço aos peixes nas suas conchas, peço aos rios no seu curso e belo correr, peço aos anjos, peço aos santos, peço aos homens e às mulheres, peço a todas as línguas e nações remotas, me ajudem a dar graças a meu Jesus Cru-

cificado porque nos criou e nos remiu com o seu precioso sangue! Peço à Sagrada Família, a São João Batista, a São João Evangelista, ao meu Anjo Custódio, à Santa do meu nome, que louvem por mim ao Senhor por tantos benefícios e tão grandes misericórdias que de suas liberantíssimas mãos tenho recebido e que me faça uma criatura tal qual ele quer que eu seja. Amem! Jesus, Maria, José, eu vos dou o meu coração e minha alma. Rosa.

Madre Rosa não resistiu à tentação e desenvolveu fantasia megalomania religiosa, tendo no padre Xota-Diabos seu estimulador, o qual mandara pintar um quadro sobre cobre, onde a negra courana posava como se fosse uma bem-aventurada, vestida de hábito franciscano, com as cinco chagas, cordão e rosário do lado, pisando alguns diabos e salvando uma alma do purgatório, enquanto um esbelto São Miguel a coroava com esplêndido buquê de flores. Numa mão, segurava o Menino Jesus e, na outra, trazia uma pena, símbolo de sua erudição teológica, posto que o Padre Xota-Diabos, agora Capelão do Recolhimento, proclamara mais de uma vez que “Rosa deixava Santa Teresa De Ávila a léguas de distância” e que aquela Doutora da Igreja não passava de uma “menina de recados” da mestra africana. Ao rezarem a Ladainha de Nossa Senhora, na estrofe *Mater Misericordiae*, suas recolhidas se inclinavam respeitosas para a Madre Superiora, que era reverentemente incensada pelo sacerdote, o qual trazia no pescoço preciosa relíquia: um dente de Santa Rosa Egipcíaca!

Muitos fiéis freqüentavam o Recolhimento do Parto, alguns para ouvir os conselhos da Mestra, outros para buscar suas relíquias, notadamente uma espécie de biscoito feito com a saliva de Rosa, amassada com farinha, que era guardada para esse fim, e a que seus devotos atribuíam o poder de curar todas as enfermidades. Verdadeiros rituais de adoração eram autorizados pelo Padre Xota-Diabos, estimulando as recolhidas e os freqüentadores deste “Sacro Colégio” a adorar a bem-aventurada eleita da Divina Providência. Eis os títulos laudatórios com os quais seus fiéis devotos saudavam à ex-prostituta negra à moda de ladainha (atente o leitor para a riqueza e puerilidade do imaginário religioso do barroco luso-afro-brasileiro):

Menina dos Olhos de Cristo, Teatro do Amor divino, Arca do Testamento Novo e Velho, Nau da Divindade, Irmã consorte de Nossa Senhora, Filha de Santana, Breve e Arca do Pai Eterno, Relicário do peito de Deus Filho, Arca e cofre da Santíssima Trindade, Judith gloriosa que haverá de cortar a cabeça do dragão infernal, Carta e Guia de todas as almas para a Santíssima Trindade, Cave de ouro no peito de Nosso Senhor, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rosa no peito do Rei Salvador, Intercessora dos pecadores, Símbolo da obediência, Colar no pescoço de Jesus, Jóia de seu peito, Jardim florido das convertidas, Paraíso dos bem-aventura-

dos, Rainha dos vivos, Juíza dos mortos, Embargo dos descrentes.

Vários desses títulos, além de reproduzir a mesma simbologia temática comum das ladainhas de Nossa Senhora e demais santos, evocam a troca que a beata Rosa fez de seu coração com o de Jesus, que permanecia vivo e palpitante no seu peito, daí ser referida como arca, nau, relicário, breve e cofre da própria divindade. Outros encômios declaravam-na predileta do Divino Esposo: sua menina dos olhos, sua rosa, enfeite e colar. Toda esta idolatria altamente herética sendo praticada sob os olhos coniventes do prior franciscano do Convento dos Franciscanos.

Além desta rica coleção de títulos honoríficos, alguns hinos foram inventados pelas recolhidas – negras e mestiças em sua maioria, reafirmando, pedagogicamente, as virtudes superiores da santa fundadora. Tal hinário tornou-se conhecido e cantado não apenas no Rio de Janeiro, no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, mas também por seus devotos nas Minas, pois, entre os papéis da família de seu antigo senhor, em São João del Rei, foram encontrados alguns destes preciosos manuscritos. Apesar dos pés quebrados e assimetria poética, tais estrofes comprovam o alto grau de veneração a que uma negra africana pôde chegar na sociedade escravista brasileira:

*Cheguemos a nossa Mãe
 cheguemos com devoção
 pois nela esta encerrada
 toda a nossa salvação.
 Vitória demos a nossa boa fortuna
 Porque tivemos a dita
 Que Rosa fosse mãe
 De tão pecadoras filhas.
 O amor de Rosa é tão firme
 Porque nem um só instante dela se retira
 Nem se pode retirar
 Aquele amante divino
 Porque todo o seu empenho
 É abrasado e contínuo.
 Quem seguir minha Mãe
 De todo o seu coração
 Bem pode ter esperança
 Da sua salvação.
 Rosa é flor fragrante
 Do peito de seu amante
 Quem a amar com firmeza
 Achará a contrição.
 Rosa é palma ditosa
 De eterno Rei sem fim
 Quem a seguir com veras
 A terá naquele último dia
 Por sua grande valia.
 Jesus é cravo*

*Rosa é a flor de seu amor
Cheguemos todos a ela
Pois que somos abelhinhas
Chupemos o mel da flor.*

A partir de 1756, Rosa insistiu na profecia que o Rio de Janeiro ia ser inundado e destruído do mesmo modo como acontecera no ano anterior com o terrível terremoto de Lisboa. Madre Rosa convenceu dezenas de famílias a refugiarem-se no Recolhimento, garantindo que seriam os únicos sobreviventes ao dilúvio e que essa nova Arca de Noé iria cruzar o mar oceano para encontrar-se triunfalmente com o Rei D. Sebastião, “o Encoberto” – desaparecido há dois séculos nas areias do Marrocos, o qual tinha escolhido a negra Rosa para sua esposa, e que, deste matrimônio e de seu ventre, nasceria o novo Redentor da humanidade. Rosa foi dentre todos os sebastianistas, a que mais ousou em suas profecias!

Era voz corrente, no beatério do Parto e entre seus devotos que freqüentavam a capela onde Rosa era a figurante de maior destaque, que, naquele tenebroso dia em que a Divina Providência castigaria a América Portuguesa, quando “o dilúvio das Minas vier dar ao mar salgado, derrubando todos esses montes e quando todos os mais rios se hão de soltar e o mar há de sair fora dos seus limites, ficando toda a cidade do Rio de Janeiro dentro de suas entranhas”, neste momento fatídico, o Recolhimento do Parto se transformaria, milagrosamente, na Arca dos Cinco Corações, começando milagrosamente a flutuar, ocorrendo aí seu feliz encontro com a nau capitaneada por D. Sebastião, o Desejado. Nesse momento, “Rosa ia se casar com Dom Sebastião, e suas quatro evangelistas também se casariam com seus vassallos ou criados, voltando para reformar o mundo e fundar o Império de Cristo” Cumprir-se-ia, assim, a tão desejada profecia feita pelo Todo-Poderoso ao fundador do Reino Portugalense: “Quero em ti e na tua descendência formar para um Império!” Esse novo império seria mestiço, mulato, pois três das evangelistas eram da mesma cor da negra mina.

Não contente em proclamar-se “Esposa da Santíssima Trindade”, Rosa Egipcíaca aspirou enlaçar-se com a família real portuguesa, iniciando com suas auxiliares mais fiéis, nova e reformada geração, mulata na cor, mas de costumes tão alvos como a neve. *Nigra sum, sed formosa...* A concretização final do mito sebástico, resgatado e adaptado pela negra Rosa, era o corolário de sua vida profética: seu casamento com Dom Sebastião, após o dilúvio universal na América Portuguesa, iniciaria o reinado visível dos Sagrados Corações. Em Rosa, cumpria-se o prometido, tão arduamente esperado por incontáveis gerações lusitanas, desde Bandarra, Anchieta, Vieira, e tantos outros sebastianistas: nenhum, contudo, ousara imaginar que o Encoberto iria fazer de uma africana sua esposa, a rainha do novo

Império e mãe de seus herdeiros. Como salientou um *expert* no sebastianismo,

*em épocas de exceção, numa situação de catástrofe, por exemplo, quanto é vital que homens descubram dentro de si formas de resistência psicológica à adversidade, não é senão natural que os mitos, de raízes porventura profundas no inconsciente desta coletividade ameaçada, regressem ou ressurgam do seu adormecimento. É o que explica a subida irresistível de um mito como o sebástico. O Desejado passa a Encoberto, o jovem Rei desaparecido há de voltar das brumas onde se esconde para ser a cabeça universal de novo Império. Ele tirará toda a erronia, ele fará a paz em todo mundo, ele consubstanciará todas as aspirações ideais da época.*⁹

Não foram tanto os vaticínios não cumpridos, nem seus êxtases e revelações com nítidas características epileptóides, diga-se *en passant*, a causa da derrota de Madre Egipcíaca: seu erro gravíssimo foi indispor-se com o clero carioca por ter ralhado com alguns sacerdotes que davam mau exemplo, conversando nas igrejas durante as cerimônias sacras, sendo denunciada ao bispo sobretudo após ter retirado à força da igreja de Santo Antônio uma senhora da sociedade que se comportava com menos compostura. Por este escândalo – uma negra descompor uma branca de *status* elevado – o bispo entrou em ação e, a partir de fevereiro de 1762, dezenas de testemunhas passaram a denunciar as excentricidades desta preta beata. Revelaram-se, então, todos os seus desatinos religiosos:

Tivera notícia o Bispo de que a negra Rosa há muitos anos é, ou se finge, vexada do Demônio, e que o Espírito que fala por ela se chama Afecto, e lhe fora dado por Deus para purificar e zelar pelo seu culto nos tempos, agredindo as pessoas na mesa da comunhão; que o Padre Francisco Gonçalves Lopes, seu senhor, é o principal pregoeiro de suas fingidas virtudes, e quem manda escrever em verso e trova suas profecias; que o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto flutuaria como a arca de Noé; que o Verbo Divino ia se encarnar de novo numa criatura para estabelecer um mundo mais perfeito que o presente; que tais profecias tinham provocado escândalo e descaminho de pessoas idiotas e de fácil convenção, causando perniciosas confusões e escandalizando a toda esta cidade em geral, de sorte que uns ignorantes e materiais acreditam, e outros a condenam por herege e feiticeira; e para que não fique sem emenda e satisfação o escândalo e perturbação que ela tem causado com seus erros e culpas, que seja presa e feito sumário de culpas.

9 QUADROS, Antonio. *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*. Lisboa: Guimarães Editores, 1982.

Após quase um ano presos no aljube do Rio de Janeiro, Rosa e o padre Xota-Diabos foram enviados para Lisboa, sendo presos no Tribunal da Inquisição, a partir agosto de 1763. O padre, em poucas sessões do inquérito, declarou ter sido enganado pela falsidade da negra, alegando ser pouco letrado em teologia e ter-se fiado na boa opinião que o Provincial dos Franciscanos dela fazia. Pediu perdão de sua boa-fé e excessiva credulidade: teve, como pena, o degredo de cinco anos para o extremo sul do Algarve, além de perder o direito de confessar e exorcizar. Sua sentença foi proclamada no Auto de Fé, de 27 de outubro de 1765. Se verdadeira ou falsa sua arrenegação da fé em sua ex-escrava, filha espiritual e possível amante, nunca poderemos saber.

Rosa, em contrapartida, deu um heróico espetáculo de autenticidade, insistindo em muitas sessões que nunca mentiu nem inventou coisa alguma: confirmou que todas as suas visões, revelações e êxtases foram reais. De fato, ela acreditava ser uma predestinada e que Deus, em sua misericórdia, a tinha escolhido para revelar ao mundo seus fantásticos desígnios. Enquanto os inquisidores estimulavam para que dissesse a verdade, revelando que tudo não passara de fingimento para chamar atenção sobre sua pobre figura, Rosa disse o contrário: “Tudo vi e ouvi!” Sua coragem e autenticidade a qualificam como verdadeira heroína da fé em Cristo!

Numa destas sessões, narrou uma de suas visões beatíficas:

Disse a ré que, no ano de 1759, estando na igreja do Recolhimento do Parto, pedindo as recolhidas ao Capelão que deixasse ela entrar para receber com elas o santíssimo sacramento (pois tinha sido então expulsa do beatério por ordem do Bispo do Rio de Janeiro), assim lho permitiu, e depois da comunhão, estando devotamente rezando ao pé do caixão onde estava o Senhor Morto, viu da parte do mesmo caixão sair um clarão como de sol e logo um pilar da altura de uma vara, e sobre eles uma coisa encarnada muito viva, coberta com um pano muito cândido, mas tão fino, que pelo mesmo se via uma multidão de abelhas. E ao mesmo tempo ouviu uns cânticos que diziam: Chegai, chegai, abelhinhas todas a la divinidad, a la divinidad! O doce suco na flor, Jesus que hoje nasceu, nasceu para vós! A cujas vozes sentiu ela em si uma extraordinária comoção para dançar, o qual impulso reprimiu com pejo das recolhidas que estavam presentes...

Quatro de junho de 1765 foi a última sessão de perguntas à vidente afro-brasileira: neste dia, ela narrou uma de suas muitas visões: Estando para comungar ouviu uma voz sobrenatural que lhe dizia: “Tu serás a abelha-mestra recolhida no cortiço do amor. Fabricareis o doce favo de mel para pores na mesa dos celestiais banqueteados, para o sustento e alimento dos seus amigos convidados.”

A partir daí, inexplicavelmente, interrompeu-se o processo de Rosa. Dos mais de mil processos de feiticeiras, sodomitas, bígamos, falsas santas e blasfemos pesquisados, não encontramos outro que ficasse inconcluso, pois sempre os inquisidores eram muito minuciosos em anotar o desfecho do julgamento: a pena a que fora condenado o réu, se morrera de doença no cárcere, ou até se houvera suicídio, se fora mandado para o hospital de loucos, para a fogueira ou para o degredo, etc. Inexplicavelmente, o processo de Rosa tem como última página este registro costumeiro do notário do Santo Ofício: “Por ser avançada a hora lhe não foram feitas mais perguntas, e sendo lidas estas anotações e por ela ouvidas e entendidas, disse estar escrita na verdade, e assinou com o Senhor Inquisidor, depois do que foi mandada para o seu cárcere”.

Comparando suas culpas com a de outras beatas e embusteiros processadas pelo Santo Ofício da Inquisição, avaliamos que deveria ser condenada à pena dos açoites, sentenciada num auto de fé, e degredada por cinco anos para o Algarve, aliás, como foi o caso de outra afro-brasileira, a angolana Luiza Pinta, esta sim, verdadeira “mãe-de-santo” de um calundu em Sabará, muito mais ligada às raízes africanas do que Madre Rosa.¹⁰

Dois hipóteses quanto ao inédito fim desta história: ou a preta Rosa, como era depreciativamente referida no processo inquisitorial, ex-Madre Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, morreu incógnita no cárcere inquisitorial, de doença natural ou velhice e pela sua insignificância esqueceram-se o notário ou o médico do Santo Ofício de registrar no processo o seu falecimento, ou, então, quem sabe, o próprio Menino Jesus encarregou-se de salvar da prisão e levar sua velha mãe-de-leite direto para o céu, agradecido e saudoso do aconchegante colo de sua mãe preta tão querida!

Tal é, em rápidas pinceladas, a vida fantástica desta negrinha de nação Courana, desembarcada na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no ano do senhor de 1725. Seu processo permaneceu completamente inédito até 1983, quando tivemos a ventura de descobri-lo e divulgá-lo integralmente em livro em 1993.

Através da vida dessa ex-escrava africana, alguns aspectos cruciais da sociedade colonial brasileira merecem maior reflexão, quiçá revisão. Por exemplo, o fato de que, num contexto, onde negro equivalia à escravidão e indignidade, e aos africanos desprezava-se como raça inferior, bruta, “sangue impuro”, não deixa de ser notável a veneração e verdadeira idolatria como inúmeros brancos – incluindo ex-senhores e membros do clero –

10 MOTT, Luiz. O Calundu Angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739. *Revista do Instituto de Arte e Cultura*, Ouro Preto, 1994 (10), 171:128-30.

cultuaram com tamanha veneração a uma negra africana, ex-prostituta. A inteligência, determinação e esperteza desta negra courana fazem-na merecedora, muito mais do que a legendaria escrava Anastácia, de ostentar o título de principal santa e Flor do Rio de Janeiro!

O erro fatídico de Rosa Courana foi ter-se afastado, diametralmente, da doutrina oficial da Igreja, propondo certas novidades claramente opostas aos dogmas tradicionais. Tornou-se herege e heresiarca ao propalar que o Filho de Deus ia encarnar-se pela segunda vez, em seu útero, que era esposa da Santíssima Trindade, que tinha poder de julgar vivos e mortos, que era Deus! Santo algum dos oficializados por Roma ousou atribuir-se tamanhas honrarias em seus devaneios místicos. Por mais virtuosa que fosse sua vida e mais sangrentos seus sacrifícios, não havia como absolvê-la de erros teológicos tão cabeludos. Contra o dogma não ha apelação!

Nesse sentido, embora no tempo em que nossa santinha viveu, o racismo constituísse ideologia dominante, aceita e praticada por todos, inclusive abençoada pela própria Santa Madre Igreja, não seria correto acusar o alto clero do Brasil, assim como os inquisidores que julgaram Rosa, de terem sido levados pelo racismo, quando a prenderam e desmascararam sua conduta heterodoxa. Pelo contrário, a história desta africana de nação courá está repleta de situações, que evidenciam a complexidade das relações inter-raciais no Brasil escravista, a começar por sua própria identidade étnica, pois, embora sendo africana nata, pelo fato de ter sido arrancada de sua tribo natal antes da idade da razão, mesmo conservando diversos africanismos em seu cotidiano, comportou-se muito mais como se fosse uma negra crioula típica, exemplo notável do assimilacionismo da cultura luso-brasileira. Apesar de inspirar-se mais no modelo de santidade do mundo dos brancos, assumiu o revolucionário papel de profetisa negra e feminista, ao quebrar dois tabus basilares da sociedade escravocrata: desrespeitou o interdito milenar da tradição judaico-cristã, que impedia as mulheres de falarem em público, passando igualmente por cima das barreiras culturais e legais que segregavam os negros e escravos dos postos de comando da sociedade colonial. Poucas mulheres, no mundo escravista, revelaram possuir carisma e determinação tão fortes como esta negra mina. Assim, se, de um lado, observamos, ao longo da biografia de Rosa, vários elementos terríveis do sistema escravista – o pelourinho, o abuso sexual das adolescentes, a cruel discriminação racial subjacente à associação da negritude com a feitiçaria e o diabolismo – não se pode negar a real possibilidade de, nesta mesma sociedade desumana e racista, haver lugar para a inversão total das regras do jogo do poder: a escrava Rosa é adorada de joelhos e tem seus negros pés beijados por seu ex-senhor; a escrava africana espanca e expulsa

dos templos brancos ilustres a quem julgava irreverentes ou mal comportados; a negra retinta é disputada pelo alto-clero colonial e saudada com o invejável título de Flor do Rio de Janeiro. Portanto, não foi por ser negra ou ex-escrava que Rosa Egípcíaca foi presa pelo Santo Ofício: o humilhante tratamento, dado pelos inquisidores ao capelão do Recolhimento do Parto, comprova que o fator racial não era levado em conta, quando estavam em jogo a integridade do dogma e a unidade da fé. Rosa foi vítima de seus erros teológicos, não de sua cor.

Referências bibliográficas

- ABBÉ PRÉVOST. *Histoire générale des Voyages*. Paris: Didot, 1744-1759.
- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*. (1711). São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1982.
- BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos* (1700). São Paulo: Grijalbo, 1977.
- BOSMAN, William. *A New and Accurate Description of the Coast of Guinea: Divided into The Gold, The Slave, and The Ivory Coasts*, 1705. New York, 1967.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- FIGUEIREDO, Luciano R. A. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Brasília/Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1970.
- GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas* (1786). Rio de Janeiro: MEC, INL, 1958, apud CARRATO, José Ferreira. *Igreja, Iluminismo e escolas mineiras coloniais*. São Paulo: Nacional, 1968.
- GOULART, Mauricio. *A Escravidão Africana no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975
- LUIZ EDMUNDO. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932.
- MOTT, Luiz. *Rosa Egípcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993. 750 p.
- _____. O Calundu Angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739. *Revista do Instituto de Arte e Cultura*, Ouro Preto, 1994 (10), 171:128-30.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado. *Os Santos Pretos Carmelitas: Culto dos Santos, Catequese e Devoção Negra no Brasil Colônia*. UFF, 2002. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, 2002.
- QUADROS, Antonio. *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*. Lisboa: Guimarães Editores, 1982.
- SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos*. São Paulo: Corrupio, 1987.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaña.
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt.
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel.
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kriskhe Leitão.
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestrí.
- N. 18 *Um in itinere do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo.
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior.
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli.
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio.
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rodhen.
- N.24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini.

- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário.
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS. Rosa Maria Serra Bavaresco.
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes.
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof^o MS. José Fernando Dresch Kronbauer.
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz.
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf.
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha.
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana.
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos.
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut.
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho.



Luiz Mott (1946), natural de São Paulo/SP, é professor titular de Antropologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde 1980. É graduado em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo (USP), 1968; mestre em Etnologia, pela Université de Paris IV (Sorbonne), França, 1971; e doutor em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1975. Sua tese de doutorado intitula-se *A Feira de Brejo Grande, Sergipe*. É pós-doutor em Etno-História, pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Portugal, 1983.

Algumas publicações do autor:

Crônicas de um gay assumido. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.317; *Homossexualidade: Mitos e Verdades*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003 p.132

Matei porque odeio gay. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia 2003, v.1. p.256

O crime anti-homossexual no Brasil. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2002. p.180

Causa Mortis: Homofobia. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2001, v.1. p.164

A Cena Gay em Salvador em Tempos de Aids. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000. p.150.

Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993. 750 p.